



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Departamento de Ciências Sociais**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS
RELACIONAMENTOS FAMILIAIS E AS CONJUGALIDADES
HOMOSSEXUAIS TERESINENSES**

Jaqueline Pereira de Sousa (Universidade Federal do Piauí, Aluna
Bolsista de Cotas, CNPq)

Fabiano de Souza Gontijo (Universidade Federal do Piauí,
Orientador, Bolsista de Produtividade em Pesquisa, CNPq)

OBJETO E OBJETIVOS:

Com as grandes transformações sociais e culturais dos últimos 30 anos, as homossexualidades vêm deixando de ser, oficialmente, pecado, crime, sem-vergonhice, doença (Spencer, 1999) e relacionamentos e formas de coabitação entre pessoas de mesmo sexo já não chocam a opinião pública como no passado (Herdt, 1994). Em Teresina, capital piauiense, pode-se perceber, servindo-se da “cena gay” como mediadora, a grande contradição entre dois modelos de relações sociais, um mais “tradicional” e um mais “moderno”. A sociedade brasileira vem se modificando, tornando-se cada vez mais complexa, heterogênea, diferenciada e apresentando novas clivagens que não só não se esgotam na estrutura de classes (Augé, 1997), como também desfazem as identidades tradicionais, criando outras tantas, efêmeras, e gerando uma pluralidade de interesses e de demandas, nem sempre convergentes, quando não conflitantes e excludentes. Teresina foi tomada, aqui, como referência de base na tentativa de compreender essas transformações sociais que vêm ocorrendo e seus efeitos na estruturação dos novos modelos conjugais, parentais e amorosos (homossexuais) brasileiros.

Este trabalho tem por objetivo geral a delimitação do universo simbólico, socialmente construído e culturalmente formulado, que serve de referência para a construção das relações conjugais e familiares (*homoconjugalidades*).

Para entender esse universo, empreendemos três frentes de pesquisa, cada uma representando objetivos específicos do projeto: a primeira frente de pesquisa tratou da produção bibliográfica sobre gênero, sexualidade e conjugualidades; a segunda frente de pesquisa está tratando das representações sociais emitidas por homossexuais identitários (aqueles que freqüentam espaços de sociabilidade “gays” e que criam os “símbolos” de uma “cultura gay”) acerca das identidades homossexuais, das homoconjugualidades e dos relacionamentos amorosos, a partir de uma investigação quantitativa; enfim, a terceira frente de pesquisa partirá de perfis, biografias, trajetórias, histórias de vida de homens e de mulheres que “amam” e se relacionam de

forma duradoura (mais de um ano) com pessoas do mesmo sexo para delinear os processos sociais de construção social e cultural das homoconjugalidades a partir de uma investigação qualitativa.

Trata-se, aqui, de apresentar alguns resultados parciais e ainda não definitivamente tratados relativos à segunda frente de pesquisa.

METODOLOGIA:

Além de inúmeras leituras sobre gênero, sexualidade e conjugidades, foi realizada uma pesquisa de campo com a aplicação de questionários e posterior tratamento estatístico dos dados coletados. Foram entrevistados 147 indivíduos (67 homens, 61 mulheres e 19 travestis/transsexuais) freqüentadores de espaços de sociabilidade reconhecidamente homossexuais. As informações aqui apresentadas provêm de uma primeira leitura dos dados coletados.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Mais de 50 termos foram citados pelos informantes na tentativa de definir a família, dentre os quais “base”, “alicerce”, “conjunto”, “união”, “cumplicidade”, “confiança”, “o outro”, “pais e filhos”, “amor”, “segurança”, “felicidade mútua”, “pessoas que completam” e até mesmo “quem me sustenta” ou “repressão”. 11,8% dos termos eram negativos, dando ênfase ao caráter repressor da família, ao passo que outros 31,7% caracterizavam a família como o fundamento da existência social, 15,5% se referiam a sentimentos bons, 8,7% à segurança, 20,5% ao sentido de união e grupo e, enfim, 11,8% diziam respeito aos aspectos institucionais “oficiais” da família. Os homens entrevistados apresentam a família como algo negativo ou como uma instituição oficial, enquanto as mulheres a definem como base sentimental e lócus de união e, enfim, as travestis/transsexuais a percebem como espaço de segurança. Os mais jovens dos nossos entrevistados citam a família mais por seus aspectos institucionais “oficiais” (ex.: “pais e filhos” ou “pessoas aparentadas entre si”) e como espaço de segurança, enquanto os mais velhos a vêem como base sentimental e lócus de união, o que permite avançar que, ao se desmembrar da família de origem, os mais velhos parecem tentar constituir suas próprias famílias mais pautadas na cumplicidade que, talvez, não estava na base de suas famílias de origem. Os entrevistados de maior renda são também o que definem a família como base sentimental e lócus de união, enquanto os de menor renda a designam como algo negativo ou simplesmente por seus aspectos institucionais “oficiais” – quanto maior a renda, mais parece que os indivíduos se desprendem da instituição familiar e de suas características citadamente repressoras e imaginam (ou realizam) uma família baseada em sentimentos, união, compartilhamento e cumplicidade.

Os indivíduos de maior renda, os mais velhos e as mulheres parecem, logo, corroborar a velha – e tão atual? – definição de “família moderna” proposta por Durkheim (1892), aquela desvinculada da necessidade absoluta da transmissão da herança e mais voltada para os relacionamentos entre os membros, o que reforça a idéia de família como uma “ficção bem fundada”, “estrutura estruturada estruturante”, “princípio de construção *coletiva* da realidade *coletiva*” (Bourdieu, 1993).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGÉ, M. *Por Uma Antropologia dos Mundos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997

BOURDIEU, P. "À Propos de la Famille comme Catégorie Réalisée". In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 100, 1993

DURKHEIM, E. "La Famille Conjugale, curso de 1892". In: *Textes III*. Paris: Minuit, 1975, p.35-49.

HERDT, G. H. "Introduction: third sexes and third genders". In: Herdt, G. H. (org.). *Third Sex, Third Gender: beyond sexual dimorphism in culture and history*. Nova York: Zone Books, 1994

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1999